

Objectivação e ancoragem das representações sociais do suicídio na imprensa escrita***

A análise do suicídio está ligada ao próprio nascimento das ciências sociais. Durkheim (1897-1992) não só utilizou o suicídio como um ensaio do seu método de análise sociológica, como produziu sobre este fenómeno hipóteses cuja acuidade perdura (e. g., Pescosolido, 1990). Mais importante do que a relação entre a frequência desta estranha forma de morrer e as estruturas sociais, posta em evidência por Durkheim, será, provavelmente, o facto de este autor ter mostrado que o sentido do suicídio não é unívoco. É esta pluralidade de sentidos do suicídio que diferentes discursos têm procurado analisar, desde a antropologia (e. g., Firth, 1961; Maerteans, 1979; Martins, 1990), a história (e. g., Loraux, 1985), a psiquiatria (e. g., Stengel, 1964-1980; Rojas, 1978; Schneidmann, 1991), até à teoria literária (e. g., Blanchot, 1955). E é, exactamente, porque o problema do sentido é central no fenómeno do suicídio que a reivindicação da sua génese em factores sobretudo psicológicos (e. g., Freud, 1915-1968; Meninger, 1983), ou sobretudo sociológicos (e. g., Durkheim, 1897-1992; Halbwachs, 1930-1978; Travis, 1989), e as polémicas pela hegemonia entre estas abordagens perderam relevância, como têm vindo a mostrar diferentes autores (Martins, 1985; Prats, 1987; Sampaio, 1991; Schneidmann, 1991; Breton, 1991; Braudy, 1991). A busca dos sentidos do suicídio impõe-se tanto mais quanto se tornou claro que «não há nenhuma sociedade ou microcultura, qualquer que seja o período histórico considerado, onde não exista suicídio, embora gerido em cada uma delas de forma diferenciada, conforme a sua mentalidade, as concepções sobre a vida e o seu valor simbólico, sobre a morte e o significado do após a morte» (Prats, 1987, p. 182).

* Escola Superior de Enfermagem Calouste Gulbenkian.

** Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

*** Este artigo integra resultados parciais de uma tese de mestrado em Psicologia Social e das Organizações sobre «As representações sociais do suicídio na imprensa», apresentada pela primeira autora no Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.

O objectivo deste trabalho é contribuir para a análise dos sentidos do suicídio no campo particular de produção de significados e de construção de saberes partilhados que a imprensa constitui. De facto, se a pesquisa em ciências sociais se tem interessado pela relação entre os *media* e o suicídio, tem-no feito, sobretudo, no quadro da hipótese do suicídio como imitação (e. g., Phillips e Carstensen, 1986; Jonas, 1992). A análise do papel dos *media*, enquanto «sistema de práticas sociais» com largos impactos na construção de mundos e objectos significantes, não produziu, até agora, nenhum estudo sistemático do processo de construção de sentidos sobre o suicídio na imprensa.

Do ponto de vista conceptual e metodológico, a análise que vamos empreender, das notícias sobre suicídios e suicidas na imprensa, é guiada pelo conceito de representação social¹.

A reformulação psico-sociológica do conceito de representação colectiva de Durkheim (1898), proposta por Moscovici (1961-1976), abriu a «era do estudo das representações sociais». O conceito de representação social é, antes de mais, um conceito orientado para a descrição dos significados de que são investidos os objectos pertinentes para uma comunidade. Na sua forma de representações sociais hegemónicas ou colectivas, ou na sua forma de representações sociais emancipadas, ou ainda na sua forma de representações sociais polémicas, as representações sociais constituem alimentos para pensar e são produtos de «homens pensantes» numa «sociedade pensante» (Douglas, 1986; Jodelet, 1989; Moscovici, 1984).

Se a orientação da pesquisa sobre as representações sociais é predominantemente descritiva, tendo, inclusivamente, contribuído para a revalorização da descrição nas ciências sociais, esta descrição não se faz sem hipóteses sobre os processos que regulam os conteúdos das representações. Na versão mais clássica do conceito de representação social, estes processos são designados como processos de *objectivação* e de *ancoragem*.

O processo de objectivação analisa as formas através das quais um conceito é objectivado, ou um fenómeno é pensado de forma objectivada, ou seja, adquire materialidade e se torna expressão de uma realidade vista como natural. Neste estudo, a análise do processo de objectivação do significado do suicídio é organizada em três vertentes analíticas, com recurso a diferentes procedimentos metodológicos para cada uma delas: análise das *metáforas* utilizadas para descrever o suicídio, análise das personagens *exemplares* de suicídio e análise dos *protótipos* do suicida.

Quanto ao processo de ancoragem, ele designa (*a*) a transformação do não familiar em familiar e (*b*) as formas através das quais as representações sociais, uma vez constituídas, se tornam socialmente funcionais. No primeiro

¹ Noutros textos descrevemos já o conceito de RS (e., g. Vala, 1993). Lembramos apenas que, a partir da reformulação inicial deste conceito (Moscovici, 1961-1976), ele tem sido trabalhado numa multiplicidade de vertentes: Moscovici (1984, 1988) e Jodelet (1984, 1989); Doise (1990); Flament (1982); Abric (1994).

nível de análise do processo de ancoragem, várias taxonomias têm sido propostas, tendo em vista a sua descrição (Moscovici, 1961-1976; Doise, 1991; Vala, 1997). Neste estudo, e retomando uma hipótese de Doise (1990), propomo-nos relacionar a ancoragem das representações sociais com a taxonomia proposta por Moscovici sobre os sistemas de comunicação, nomeadamente na comunicação social. A nossa hipótese é a de que os sistemas de comunicação, enquanto modalidades de relação social, orientam a forma através da qual o novo se torna familiar. Indo mais longe, o que propomos é uma forma de articular o processo de objectivação e o processo de ancoragem: enquanto âncoras que orientam a constituição de representações, os sistemas de comunicação geram também diferentes modalidades de objectivação de uma ideia, de um conceito, de um fenómeno. Os sistemas de comunicação propostos, particularmente pertinentes quando estão em causa meios de comunicação social, são os seguintes: o sistema de propaganda, o sistema de propagação e o sistema de difusão.

O sistema de difusão caracteriza-se por não se dirigir a um público, mas a uma pluralidade de públicos. As mensagens sobre um objecto organizam-se com base numa multiplicidade de quadros de referência, na medida em que ignoram as diferenciações sociais e se dirigem a indivíduos intermutáveis. A propagação é uma modalidade de comunicação que se dirige a um público particular, reflecte uma visão bem organizada do mundo e tem subjacente um quadro de referências conhecido e aceite pelo grupo. A sua função é harmonizar o objecto da comunicação com os princípios que fundam a especificidade do grupo. A propaganda oferece uma visão claramente clivada do mundo, salientando e alimentando relações sociais de conflito. As mensagens revestem aqui uma função claramente instrumental, visam a persuasão.

Dado o tipo de objecto em estudo, o suicídio, é de supor que a imprensa comunique sobre este fenómeno a partir de uma estratégia de difusão ou de uma estratégia de propagação. Coloca-se então a hipótese de que, ao ancorar no sistema de difusão, a representação social do suicídio apresente elementos diversificados, pouco estruturados, contraditórios até, de modo que possa dar resposta a vários quadros de referência, abrangendo públicos heterogéneos. Por outro lado, quando a representação do suicídio ancora no sistema de propagação, espera-se encontrar uma organização discursiva que, recorrendo a uma imagem mais concreta de suicida e a uma perspectiva mais sistematizada e unívoca sobre o suicídio, esteja orientada para a integração da informação num referencial específico.

CONTEXTOS E SALIÊNCIA DAS NOTÍCIAS SOBRE O SUICÍDIO NA IMPRENSA

A recolha do *corpus* para este estudo foi feita em oito jornais nacionais, diários e semanários, impressos na região da Grande Lisboa, durante o ano de 1992: *Público*, *Diário de Notícias*, *O Dia*, *Correio da Manhã*, *O Inde-*

pendente, *O Crime*, *Expresso* e *Semanário*. No que toca aos jornais semanários, foram considerados todos os números publicados em 1992. No que respeita aos diários, foram seleccionados apenas seis meses, intercalados, a partir de Janeiro, inclusive. Foram retidos para análise todos os artigos/notícias que faziam referência ao suicídio, a comportamentos identificados pelos jornalistas como suicidários ou tentativas de suicídio, independentemente do tema principal do artigo, num total de 321 artigos/notícias.

Para identificar as características morfológicas dos artigos consideraram-se as seguintes categorias: dimensão, localização, tipo de artigos na mesma página e o tipo de abordagem que se faz do tema. O *Semanário*, *O Independente*, o *Expresso* e o *DN* são os jornais onde, com maior frequência, se registam artigos de opinião sobre o suicídio, bem como os jornais nos quais o suicídio aparece associado a outros temas. Os restantes jornais relatam sobretudo casos de suicídio. O *Dia* não apresenta nenhum artigo que analise ou teorize sobre este fenómeno. A maior parte dos artigos do *Semanário* (56%), de *O Independente* (53%) e do *DN* (52%) encontram-se nas rubricas sobre problemas políticos e sócio-culturais ou em suplementos. O *Público* insere as referências ao suicídio sobretudo na actualidade nacional e internacional mais factual (73%). O *Crime* (81%), o *CM* (97%) e o *O Dia* (87%) colocam os artigos sobre suicídio na rubrica *geral*. Como se mostra no quadro n.º 1, O *Crime* (86%), o *CM* (84%) e o *O Dia* (83%) associam os artigos sobre o suicídio a artigos sobre ameaças sociais variadas, do crime ao roubo, à droga, aos acidentes e às catástrofes.

Tipos de artigos na página em que são relatados suicídios

(em percentagem)

[QUADRO N.º 1]

	<i>Semanário</i>	<i>O Independente</i>	<i>Expresso</i>	<i>O Crime</i>	<i>Público</i>	<i>Diário de Notícias</i>	<i>Correio da Manhã</i>	<i>O Dia</i>
Actualidade política/cultural	71	30	56	–	36	44	13	17
Acidentes, escândalos crime/roubo	–	20	–	86	10	31	84	83
Suicídios	–	–	3	14	8	6	–	–
Temáticas diversas	29	50	41	–	46	19	3	–
<i>Total</i>	100	100	100	100	100	100	100	100

Em resumo, num primeiro conjunto de jornais, de que se salientam o *Semanário*, *O Independente*, o *Expresso*, o *Diário de Notícias* e, menos claramente, o *Público*, verifica-se, globalmente, uma maior abrangência no tratamento do tema, uma clara dispersão por rubricas de actualidade política, social ou cultural e uma associação diversificada a outras temáticas. Contrariamente a esta orientação, *O Crime*, o *Correio da Manhã* e *O Dia* destacam-se pela

associação do suicídio, num valor acima dos 80%, a notícias que incidem sobre comportamentos antinormativos, como, por exemplo, os escândalos, os crimes e o roubo. Os artigos sobre o suicídio, nestes jornais, consistem sobretudo em descrições de casos, registando-se uma baixa frequência de textos analíticos sobre o fenómeno. Neste segundo grupo de jornais *O Dia* salienta-se por ser o jornal que dá menos destaque ao suicídio, ter notícias de menor dimensão e associar claramente o suicídio a comportamentos antinormativos.

PROCESSOS DE OBJECTIVAÇÃO DO SUICÍDIO NA IMPRENSA

Como se referiu, o processo de objectivação é o processo através do qual o que é abstracto se torna concreto, dotado de materialidade. O conhecimento (ideias ou crenças) sobre um fenómeno, quando objectivado, não só é visto como exterior aos indivíduos, como informação, e por isso válido, como se torna um estímulo, como se de uma realidade física se tratasse, para a organização de comportamentos e de novos conhecimentos. A importância do processo de objectivação no conhecimento social não é apenas sublinhada pela teoria psico-sociológica das representações sociais, mas também pela sociologia do conhecimento (e. g., Berger e Lukmann, 1966) e pela linguística (e. g., Lakoff e Johnson, 1980). Moscovici e Hewstone (1984) propõem que a objectivação das representações sociais se processa, nomeadamente, através da figuração, da ontologização e da personificação.

A figuração refere-se à tradução de conceitos em imagens e a ontologização refere-se à atribuição de características de coisas ou seres às ideias e às palavras. Wagner *et al.* (1995), inspirando-se em Sperber (1990), compararam a actividade colectiva de objectivar a um processo epidémico. Neste sentido, a difusão de uma nova ideia num grupo estaria dependente de imagens que transmitam o essencial do seu conteúdo de forma aceitável para o quadro de valores do grupo.

No processo de figuração e ontologização as metáforas representam um papel fundamental, como sublinharam Lakoff e Johnson (1980), autores para os quais as metáforas não são meras figuras de estilo ou retórica, mas expressões do próprio processo de pensamento. Ora, apesar das referências ao papel das metáforas no processo de objectivação, poucas pesquisas no domínio da análise das representações sociais analisaram a metaforização, e só muito recentemente Wagner *et al.* (1995) evidenciaram experimentalmente a sua saliência numa pesquisa sobre a representação da fecundação. Neste sentido, ao analisarmos a objectivação do suicídio, procuraremos mostrar o papel das metáforas enquanto expressões da figuração e da ontologização do suicídio.

A par da figuração e da ontologização, a personificação é também um modo de conferir materialidade a um conceito. Por exemplo, no campo da difusão das teorias científicas, a personificação designa a associação entre

uma dada teoria e um rosto que se torna símbolo dessa teoria: por exemplo, Freud e a psicanálise, Einstein e a teoria da relatividade. Mas não só no campo científico ocorre este fenómeno de objectivação através de personificações. Por exemplo, no campo das ideologias políticas, ou no campo da política de uma forma geral, a complexidade dos fenómenos em causa conduz à sua objectivação em personagens-heróis de uma ideia, de um partido ou de uma ideologia. Nesta pesquisa, a análise que fazemos do processo de objectivação do suicídio focará, pois, para além das metáforas, as personagens que dão rosto aos diferentes sentidos do suicídio.

Mas a personificação não se processa apenas através da tipificação de rostos e de personagens-símbolos de ideias e crenças. Se nos reportarmos ao conhecimento produzido pelas teorias sobre a categorização social (v. Fiske e Taylor, 1984), encontramos hipóteses sobre duas formas possíveis de representar a construção de categorias. Uma dessas formas corresponde ao entendimento de uma categoria como uma colecção de *exemplares*. No caso presente, isto significa que a categoria de suicida será formada por uma colecção de personagens concretas que se suicidaram e que foram registadas na memória e que um novo suicida será comparado mentalmente com estes suicidas concretos, variando os atributos do novo suicida em função das personagens evocadas. É este entendimento sobre o processo de categorização que, na nossa perspectiva, dá sentido à objectivação das representações sociais através da personificação. Porém, se considerarmos uma outra forma de representar a construção das categorias, a hipótese segundo a qual estas são construídas por abstracções sucessivas e se organizam em torno de um ponto focal ou de um *protótipo* (um ideal tipo) (Rosch, 1978), podemos pensar que um novo suicida, a cujo comportamento temos de dar sentido, será comparado com esse protótipo. O que importa registar por agora é que, quer a categorização social seja entendida como estruturada a partir de exemplares, quer seja entendida como uma representação prototípica, ela é, em ambos os casos, regida por um princípio de essencialismo psicológico (Rothbart e Taylor, 1992). O que quer dizer que o pensamento quotidiano atribuirá às categorias sociais e aos atributos que as definem o mesmo grau de exterioridade, objectividade e verdade que é atribuído às categorias vistas como naturais. Um protótipo é então também uma forma de personificação e, consequentemente, de objectivação.

AS METÁFORAS E A OBJECTIVAÇÃO DO SUICÍDIO

Segundo Lakoff e Johnson (1980), é frequente, na mesma cultura, que conceitos mais abstractos sejam estruturados metaforicamente a partir de conceitos mais concretos. Um conceito é, habitualmente, pensado a partir de várias metáforas, metáforas essas que evidenciam alguns aspectos do concei-

to, encobrendo outros, o que as torna de facto produtoras de sentido e factores estruturantes da experiência. Compreender as experiências, as ideias e os conceitos em termos de objectos ou substâncias permite-nos classificá-los e avaliá-los, enfim, pensar sobre eles.

No sentido de estudar a objectivação do suicídio por metáforas, começou-se por fazer um levantamento de todas as metáforas referentes ao suicídio nos artigos em análise. Das metáforas recolhidas, seleccionaram-se apenas as metáforas estruturais (que organizam o conceito de suicídio em função de outros conceitos mais concretos) e as ontológicas (em que os objectos, as substâncias e o próprio fenómeno do suicídio adquirem características humanas ou de outros seres). Analisou-se, assim, um total de 240 metáforas.

DESCRIÇÃO DO CONTEÚDO DOS CONJUNTOS TEMÁTICOS METAFÓRICOS SOBRE O SUICÍDIO

Num primeiro momento as metáforas foram agrupadas em categorias temáticas, ou conceitos metafóricos, que, por sua vez, foram agrupados em conjuntos temáticos. Apresentam-se a seguir os principais conjuntos temáticos inventariados a partir de metáforas estruturais e ontológicas.

Começamos por descrever os conjuntos temáticos organizados a partir de metáforas estruturais.

O primeiro grande conjunto temático representa o suicídio como o resultado de uma desistência da vida e apela para três ideias fundamentais: a *solução*, a *separação* e a *renúncia*. A *solução* remete para os conceitos metafóricos de *fuga* (exemplo: «fugir à falta de projectos»), *salto* (exemplo: «saltar fora da vida») e *saída* (exemplo: «sair deste horrendíssimo mundo»), onde o suicídio surge como forma de resolver problemas, como expressão do desejo de acabar com uma situação insuportável para a pessoa. A *separação* é uma temática presente nos conceitos metafóricos de *partida* (exemplo: «derradeiro caminho») e *despedida* (exemplo: «incrível adeus à vida»), quase sempre associados à ideia do inesperado e onde o suicida é alguém que se despede para sempre, que parte para não mais voltar. A *renúncia* remete para a imagem do *exílio* (exemplo: «abdicar da hipótese de um futuro risonho»), como um rei que abdica do trono, sugerindo a opção por um caminho mais curto para a morte, do *atalho* (exemplo: «abreviar o inevitável fim»).

O segundo conjunto temático agrupa metáforas que salientam a ideia do suicídio como uma *recompensa* ou uma *nova experiência* através de uma mudança pacificadora ou de uma libertação: é o desejo de *repouso* (exemplo: «findar deste caminhar derreado com um gigante às costas») de um viajante exausto, de uma *cura* (exemplo: «remédio absoluto para o sofrimento») de todos os males, da busca de uma *vida melhor* (exemplo: «libertar-se de todos os problemas») ou de uma *viagem* (exemplos: «último apeadeiro da esperança»; «viagem à terra sem males»), conceito metafórico que exprime um movi-

mento de aventura e busca, uma insatisfação permanente que leva à procura de novos horizontes.

O terceiro conjunto temático engloba metáforas muito diferentes, quase todas positivas em relação ao suicídio, que o descrevem como um *acto distintivo da humanidade* que ora se considera um *acto heróico* (exemplos: «é o haraquiri de quem perdeu a face»; «é obedecer a um código de honra»), ora se compara a um *fim de festa* (exemplo: «a festa tinha acabado») ou ainda ao último, por vezes único, momento de bom desempenho — *sucesso* (exemplo: «momento de glória»).

O suicídio é ainda representado através de uma dimensão interactiva muito forte. Esta interacção traduz-se num conjunto de conceitos metafóricos que constituem o quarto conjunto temático, que ora se opõem, ora se reforçam, salientando uma *forma de relação com o mundo*. Assim, por um lado, o suicídio será um *apelo* ao contacto (exemplo: «um grito do fundo do poço»); será um modo de expressar a *revolta* (exemplo: «queixume que chega à rebelião final») ou antes uma forma de se *vingar* (exemplo: «infligir uma penalização à sociedade»), através de uma exibição pública, de uma morte representada em cena por um actor que procura incomodar os espectadores — *espectáculo* (exemplo: «demonstração pública da existência»).

Um outro grupo de conceitos metafóricos revela a dimensão passiva do suicídio e do suicida, a incontrolabilidade da acção. De facto, o suicídio aparece aqui como o resultado de uma *força incontrolável* — *ser arrastado* (exemplo: «ser levado por caminhos incontroláveis») — ou resultado de uma *sentença* que alguém pronunciou (exemplo: «última sentença»); como uma *força desconhecida*, em que a *tragédia* (exemplo: «acabar tragicamente com a vida»), o *mistério* (exemplo: «insondável mistério que nunca ninguém poderá desvendar») e o *destino* (exemplo: «negro destino») determinam percursos a que não pode fugir-se, e, por último, a *insanidade*, onde a *loucura* (exemplo: «tresloucado gesto»), o *atentado* (exemplo: «ataque à vida») e a *violência* (exemplo: «acto cruel») nos remetem para o domínio do interno, expressão de patologia e de uma impulsividade destrutiva e não controlável.

No campo das metáforas ontológicas foi também possível organizar conjuntos temáticos, embora com uma estrutura diferente. No caso das personificações, elas destacam substâncias ou objectos supostamente responsáveis pelo suicídio, de que o suicida é uma vítima, ou conferem vida ao próprio fenómeno, representando-o como uma entidade que age sobre a comunidade e a interpela.

Num primeiro conjunto temático, os *métodos* utilizados pelo suicida ganham vida e de escolhidos passam a seres que escolhem ou lutam com a sua vítima: os *comprimidos* cumprem uma missão (exemplo: «os comprimidos que ingerira cumpriram a sua missão»); o *pesticida* vitimiza, arrastando para a morte (exemplo: «um frasco de 605 forte arrastou-o para a morte»); o *comboio* caça, captura a vítima para a mutilar e matar (exemplos: «a composição apanhou-o»; «a composição arrastou o corpo»; «deixou-se trucidar por uma automotora»).

O poder destrutivo da *dor* que resulta da *doença física* forma por si só um novo conjunto de metáforas. A *dor vence* (exemplo: «deixou-se vencer pelas dores atrozes»), *atormenta* (exemplo: «afogou as dores que o atormentavam») e *mata* (exemplo: «a dor matou-o») em nome da doença.

A dependência de algumas substâncias, como a *droga* e o *vinho*, agrupa o conjunto temático que coloca o suicídio como uma consequência de *comportamentos aditivos*. A *droga* fascina e alastra, tecendo uma teia (exemplos: «estava preso ao fatídico fascínio da droga»; «a droga alastra com pés de gigante»; «deixou-se envolver nas malhas da droga»); o *vinho* é responsável e culpado (exemplo: «o vinho foi o principal causador do drama»).

O quarto conjunto temático remete para a responsabilidade das *emoções* no desencadear de comportamentos suicidários. São os estados emocionais internos que conduzem o suicida em consequência do *desgosto* (exemplo: «um desgosto de amor levou ao suicídio»), da *solidão* (exemplo: «uma trajectória profundamente solitária acabou por destruí-la») e da *depressão* (exemplo: «a depressão é responsável pelo suicídio»).

O suicida é ainda uma vítima da *morte*, que ora surge como uma *amante* irresistível que disputa, numa *luta* com a vida, o amor do *sujeito* (exemplos: «amante mais desejada»; «entrega romântica e gloriosa à deusa das trevas»; «tentação de depreciar a vida, opondo-lhe o amor do sujeito»), ora se *busca* activamente (exemplo: «saiu de casa à procura da morte») ou se espera como uma fonte de *sossego* (exemplo: «a morte veio tranquilamente durante o sono»). Por fim, o *incómodo* que a morte por suicídio provoca nos outros ganha vida, perturbando a cidade (exemplo: «a morte atrapalhou o tráfego»).

Num outro campo metafórico, a temática da *tragédia* é retomada de novo desta vez com o poder de agir sobre as pessoas (exemplos: a tragédia bateu à porta»; «tragédia que se abate sobre as famílias»). A *natureza* é também desencadeadora do suicídio, quer na forma de um *apelo* (exemplo: «que apelo nostálgico lhes chega das ondas?»), quer na forma de uma onda que tudo *destrói* (exemplo: «onda vermelha que varre a terra»). Por último, o próprio suicídio é personificado como um ser que, por um lado, é *interactivo*, interpe-lando as pessoas (exemplos: «levanta dúvidas»; «abre investigações»), e, por outro, é *violento*, ameaçando a comunidade (exemplo: «é preocupante e anti-social»).

SALIÊNCIA DA LINGUAGEM METAFÓRICA E DOS TIPOS DE METÁFORAS NOS DIFERENTES JORNAIS

Olhando agora para o modo como os jornais utilizam estas categorias metafóricas, verifica-se que 41% dos artigos em análise recorrem a metáforas para falarem do suicídio e que, com excepção do jornal *O Dia*, todos os outros

jornais recorrem frequentemente à linguagem metafórica (quadro n.º 2). Mas os jornais não constroem todos as mesmas metáforas. Os resultados apresentados nos quadros n.ºs 3 e 4 permitem verificar a saliência que as categorias metafóricas, quer estruturais, quer ontológicas, apresentadas assumem em cada jornal.

Percentagem de artigos com metáforas em cada jornal



[QUADRO N.º 2]

	<i>Sema-nário</i>	<i>O Inde-pen-dente</i>	<i>Ex-presso</i>	<i>O Crime</i>	<i>Público</i>	<i>Diário de Notícias</i>	<i>Correio da Manhã</i>	<i>O Dia</i>
Percentagem	44	53	52	63	23	38	37	10

Distribuição das metáforas estruturais por jornal

(em percentagem)

[QUADRO N.º 3]

		<i>Sema-nário</i>	<i>O Inde-pen-dente</i>	<i>Ex-presso</i>	<i>Público</i>	<i>Diário de Notícias</i>	<i>O Crime</i>	<i>Correio da Manhã</i>	<i>O Dia</i>
Solução	Fuga	25	25	–	–	–	50	–	–
	Salto	–	16,6	–	16,6	33,6	16,6	16,6	–
	Saída	–	20	20	20	40	–	–	–
Separação	Partida	–	–	–	–	–	100	–	–
	Despedida	–	–	–	–	–	100	–	–
Renúncia	Exílio	–	–	–	–	–	100	–	–
	Atalho	–	20	–	40	–	40	–	–
Novas experiências	Vida melhor	–	60	–	–	20	20	–	–
	Viagem	–	–	100	–	–	–	–	–
Recompensa	Repouso	–	–	33,3	33,3	33,3	–	–	–
	Cura	–	33	–	–	–	67	–	–
Forma de relação com o mundo	Apelo	–	–	33,3	16,7	38,3	11,7	–	–
	Castigo	–	–	–	–	100	–	–	–
	Espectáculo	–	17	–	33	50	–	–	–
	Revolta	–	–	75	–	25	–	–	–
Acto distintivo	Acto heróico	50	29	21	–	–	–	–	–
	Sucesso	–	100	–	–	–	–	–	–
	Fim de festa	33,3	–	33,3	33,3	–	–	–	–
Força incontrolável	Ser arrastado	–	–	–	–	–	100	–	–
	Julgamento	–	–	–	–	–	100	–	–
Forças desconhecidas	Tragédia	4	4	4	7	7	52	22	–
	Destino	–	–	–	–	–	75	25	–
	Mistério	–	–	–	–	–	100	–	–
Insanidade	Loucura	–	10	–	–	10	60	20	–
	Atentado	–	–	–	–	–	60	20	20
	Violência	–	–	–	–	–	66	17	17

Distribuição das metáforas ontológicas por jornal

(em percentagem)

[QUADRO N.º 4]

Conjunto temático	Conceito metafórico	Semanário	O Independente	Expresso	Público	Diário de Notícias	O Crime	Correio da Manhã	O Dia
Doença	Dor	—	—	—	—	—	100	—	—
Comportamentos aditivos	Droga	—	—	—	9	27	55	9	—
	Vinho	—	—	—	—	—	100	—	—
Método escolhido	Pesticidas	—	—	—	—	—	100	—	—
	Medicamentos	50	—	50	—	—	—	—	—
	Comboio	—	—	9	37	18	18	18	—
Emoções	Desgosto/depressão	30	—	—	30	30	10	—	—
Natureza	Vaga	—	—	40	60	—	—	—	—
	Apelo	—	—	—	—	100	—	—	—
	Destruição	—	—	—	20	20	60	—	—
Morte	Atracção	—	—	55	9	27	9	—	—
	Sossego	—	33,3	—	33,3	—	33,3	—	—
	Incómodo	—	—	—	67	33	—	—	—
	Busca	—	—	—	—	—	100	—	—
	Luta	—	—	—	—	—	100	—	—
Tragédia	—	—	—	—	—	—	100	—	—
Suicídio	Interação	—	—	—	80	20	—	—	—
	Destruição	—	—	—	20	—	60	20	—
Divórcio	—	—	—	—	—	—	—	—	100

Pode, assim, verificar-se uma proximidade entre o *Semanário*, *O Independente*, o *Expresso*, o *Público* e o *Diário de Notícias*, cujas linguagens metafóricas se distanciam de *O Crime*, do *Correio da Manhã* e de *O Dia*. No primeiro grupo de jornais verifica-se o recurso frequente a metáforas diversificadas, que permitem imaginar vários percursos possíveis para o suicídio e que salientam diferentes perspectivas de compreensão deste fenómeno. No segundo grupo de jornais, *O Crime* é o jornal que recorre mais a conceitos metafóricos e também o que utiliza uma semântica mais específica. É este jornal que salienta o fatalismo, o incontrollável e o desconhecido, bem como a dimensão violenta e perturbada do fenómeno, que caracteriza uma das cadeias temáticas apresentadas. Em relação ao *Correio da Manhã*, embora este jornal não apresente nenhuma metáfora específica, as metáforas a que recorre constituem um todo coerente e salientam a violência e a marginalidade do suicídio. *O Dia* é o jornal que menos recorre à objectivação através de metáforas. No entanto, dos três artigos deste jornal em que se encontram metáforas sobressai a dimensão

violenta do acto e, curiosamente, este mesmo jornal utiliza uma personificação metafórica que lhe é específica: o divórcio mata, é o divórcio que é o agente do suicídio. Assim, nestes jornais, as metáforas utilizadas para falar sobre o suicídio salientam a sua dimensão anómica e exprimem, de formas muito próximas, um alerta contra o suicídio e os contextos anti-normativos em que ocorre.

No sentido de clarificar as proximidades entre estes dois conjuntos de jornais, procuraram-se as metáforas comuns a cada um deles (quadro n.º 5). Consideraram-se como metáforas comuns ao primeiro grupo aquelas que estão presentes em, pelo menos, três dos jornais que constituem este grupo (*Semanário, O Independente, Expresso, Público, Diário de Notícias*) e não estão presentes no outro grupo (valores inferiores a 15%). Consideraram-se como metáforas comuns ao segundo grupo as que se encontram presentes em, pelo menos, dois dos jornais deste grupo (*O Crime, Correio da Manhã, O Dia*) e não o estão no outro grupo.

Conceitos metafóricos comuns em cada grupo de jornais

[QUADRO N.º 5]

Primeiro grupo (<i>Semanário, O Independente, Expresso, Público, Diário de Notícias</i>)	Segundo grupo (<i>O Crime, Correio da Manhã, O Dia</i>)
Saída Mensagem Espectáculo Humanidade Fim de festa Emoções	Tragédia Loucura Escuridão Atentado Violência

Os jornais do primeiro grupo, dos quais o *Diário de Notícias* é o mais representativo, dado que inclui a grande maioria das metáforas utilizadas pelos outros, salientam sobretudo a dimensão interactiva do suicídio (mensagem, espectáculo), ao representarem este acto como um gesto dos homens para os homens, como uma mensagem aberta à descodificação e que não é necessariamente fatalista, incontrolável e violenta. Explorando a leitura destes resultados, podemos ainda dizer que este primeiro grupo de jornais apresenta duas perspectivas sobre o suicídio. Uma que privilegia a complexidade do fenómeno, abordando-o desde os aspectos mais psicológicos, como a depressão e o desgosto, até aos mais interactivos, passando pelo sentido de revolta e pela responsabilização da sociedade. Outra que, embora recorrendo na maioria dos casos às metáforas que caracterizam a visão anterior, salienta sobretudo os aspectos mais filosóficos, antropológicos e culturais do suicí-

dio, que remetem para as questões da individualidade, do direito à morte e do seu significado. O *Diário de Notícias*, seguido do *Público*, é o jornal mais prototípico da primeira abordagem, enquanto a segunda perspectiva sobressai sobretudo no *Semanário*, em *O Independente* e no *Expresso*.

O segundo grupo de jornais apresenta uma outra perspectiva sobre o suicídio. Em *O Crime*, embora se encontrem também alguns conceitos metafóricos usados pelos cinco primeiros jornais, sobressai uma imagem do homem dominado pelo incontrolável, pelo invisível e pelo desconhecido, preso a um destino a que não pode fugir, onde a violência, a loucura e a tragédia têm um papel preponderante. Poder-se-ia dizer que este jornal abre uma janela para olhar o suicídio, que se continua no *Correio da Manhã* e em *O Dia*, embora neste último sem expressão significativa, donde apenas se vê a violência e a loucura deste acto. De facto, esta terceira perspectiva olha o suicídio ora como um fenómeno trágico e incontrolável, resultado de um destino misterioso, ora como filho da loucura, da impulsividade violenta ou da dependência.

Em resumo, enquanto o primeiro grupo de jornais se caracteriza por apresentar uma visão multifacetada e dinâmica do suicídio, salientando a sua dimensão humana e interactiva, o segundo grupo de jornais privilegia a ideia da incontrolabilidade e violência deste fenómeno. Por outro lado, enquanto o primeiro grupo se caracteriza pela diversidade metafórica, o segundo caracteriza-se pela especificidade, estreitando o campo semântico. Neste sentido, o primeiro grupo de jornais aproxima-se da caracterização que fizemos do sistema de difusão, enquanto o segundo grupo se insere no sistema de comunicação designado por propagação.

OBJECTIVAÇÃO POR PROTÓTIPOS: PERFIS DE SUICIDAS

A teoria das representações sociais desenvolveu-se previamente ao estudo sistemático dos processos de categorização pela psicologia social da cognição social. Mas estas diferentes perspectivas de análise sobre o pensamento quotidiano são articuláveis quando se trata de compreender a organização das representações sociais e a natureza social das categorias. Como se referiu, a perspectiva prototípica sobre a categorização (Rosch, 1978) e a categorização social (Cantor e Mischel, 1979) podem ajudar-nos a compreender o processo de objectivação das representações sociais. Um protótipo corresponde ao conjunto de características geralmente associadas aos elementos que integram uma categoria, condensa o sentido de uma categoria, é um «caso puro» que objectiva uma dada categoria. Esta objectivação torna-se mais compreensiva se recordarmos que estas estruturas cognitivas (os

protótipos) são constituídas por palavras e símbolos abstractos, mas também por imagens (v. Damásio, 1995). A representação pictórica dos protótipos foi, aliás, estudada por Brewer (1988).

Note-se, porém, que, enquanto as teorias sobre a categorização e a prototipicalidade têm sobretudo analisado os processos cognitivos intra-individuais que subjazem à construção das categorias e as suas implicações no processamento de informação, a perspectiva das representações sociais olha para a categorização como irreduzível à dimensão individual e salienta os seus aspectos sociais e a funcionalidade dos seus conteúdos. Neste sentido, a categorização e a construção de um protótipo não são entendidas como a reprodução de um objecto nem como a sua reconstrução subjectiva, mas como a criação de uma realidade funcional, a partir de teorias quotidianas. Mas será o processo de classificação e categorização um processo de naturalização? Como atrás se citou, Rotbarth e Taylor (1992) propõem, com alguma evidência experimental, que o potencial indutivo atribuído às categorias sociais é idêntico ao que é atribuído às categorias vistas como naturais, resultado que adviria do facto de ambos os tipos de categorias terem subjacente o princípio de essencialismo psicológico que caracteriza o pensamento quotidiano. Desta forma, quando descrevemos um suicida como um homem e um desviante, essas características não são vistas como o resultado de uma percepção contingente, mas como atributos que definem a essência do suicida e do suicídio.

Se o processo de categorização reflecte mais o sujeito do que o objecto, podemos então também aqui formular a hipótese segundo a qual os sistemas de comunicação que organizam a produção de notícias nos diferentes jornais modelarão a construção de protótipos diferenciados sobre um mesmo objecto, de acordo com as características desses sistemas de comunicação.

A reconstrução dos protótipos de suicida foi feita em duas etapas. Primeiro, procedeu-se à análise descritiva das características sociográficas do suicida e, depois, à análise dos traços e atributos que o caracterizam; ou seja, inventariámos os dois conjuntos de atributos, sociográficos e psicográficos, mais correntes na objectivação de pessoas pelo senso comum. A separação entre os atributos psicográficos e sociográficos deve-se exclusivamente a constrangimentos de ordem técnico-metodológica.

RECONSTRUÇÃO DO PROTÓTIPO DE SUICIDA — CARACTERÍSTICAS SOCIOGRÁFICAS

Com vista à reconstrução da caracterização sociográfica do suicida feita pela imprensa, procedeu-se a um levantamento de todos os indicadores de descrição sociográfica (por exemplo, homem, jovem, desempregado, etc.).

Após a análise do tipo de indicadores encontrados e da sua frequência, criou-se um sistema de categorias definitivo: sexo; grupo etário; nacionalidade; residência; estado civil; actividade profissional; integração social (pertença a um grupo socialmente excluído, por exemplo, mendigo, seropositivo, ou desviante, por exemplo, toxicodependente, delinquente).

Dos 321 artigos em análise, 282 (88%) descrevem os suicidas recorrendo a variáveis sociográficas. Nestes 282 artigos identificaram-se 355 casos de suicídio em que se recorria, pelo menos, a uma categoria sociográfica. Os resultados apresentados no quadro n.º 6 mostram as seguintes dimensões mais prototípicas de suicida: é um homem; é um jovem; é alguém que desenvolve uma actividade profissional; é uma pessoa que apresenta qualquer forma de comportamento desviante (por exemplo, toxicodependente) ou uma pessoa que cometeu um crime.

Frequências das categorias sociográficas
(em percentagem)

[QUADRO N.º 6]

Categorias/subcategorias	Referem	Não referem	Categorias/subcategorias	Referem	Não referem
<i>Sexo</i>	94	6	<i>Estado civil</i>	18	82
Homem	74		Casado	10	
Mulher	20		Solteiro, separado, viúvo	8	
<i>Grupo etário</i>	28	72	<i>Actividade profissional</i>	38	62
Jovem	21		Estudante	4	
Adulto ou idoso	7		Trabalhador manual ou operário	9	
<i>Nacionalidade</i>	36	64	Empregado ou quadro	11	
Português	4		Escritor ou artista	9	
Estrangeiro	32		Inactivo	5	
<i>Residência</i>	47	53	<i>Integração social</i>	43	57
Residente na zona da Grande Lisboa	23		Não integrado socialmente	11	
Residente noutras zonas do país	24		Comportamento desviante	32	

A actividade profissional (quadro n.º 7) é particularmente referenciada pelo *Semanário* (53%), por *O Crime* (50%) e pelo *Correio da Manhã* (48%), que salientam, no entanto, diferentes subcategorias. O *Semanário* refere sobretudo a subcategoria *intelectuais e artistas*, o *Expresso* salienta os *quadros e empregados* e o *O Crime* refere mais a subcategoria *operários*. Finalmente, a subcategoria *inactivos* é salientada por *O Crime* e pelo *CM*.

Frequência das categorias relativas à profissão por jornal
(em percentagem)

[QUADRO N.º 7]

	Quadros e empregados	Intelectuais e artistas	Operários e trabalhadores manuais	Estudantes	Inactivos	Com referência à profissão	Sem referência à profissão
<i>Semanário</i>	13	27	7	–	6	53	47
<i>O Independente</i>	18	6	–	12	6	42	58
<i>Expresso</i>	21	10	3	4	–	38	62
<i>O Crime</i>	11	1	22	6	10	50	50
<i>Público</i>	9	13	3	2	3	30	70
<i>Diário de Notícias</i>	11	13	5	5	–	34	66
<i>Correio da Manhã</i>	15	12	9	3	9	48	52
<i>O Dia</i>	8	–	–	–	4	12	88

Frequência das categorias relativas à integração social por jornal

[QUADRO N.º 8]

	Integração social		
	Grupo desviante	Grupo socialmente excluído	Sem referência à integração social
<i>Semanário</i>	27	13	60
<i>O Independente</i>	24	24	52
<i>Expresso</i>	24	45	31
<i>O Crime</i>	35	5	60
<i>Público</i>	19	10	71
<i>Diário de Notícias</i>	24	8	68
<i>Correio da Manhã</i>	47	9	44
<i>O Dia</i>	63	4	33

A integração social é outra das categorias que apresentam diferenças entre os jornais, como pode ver-se no quadro n.º 8. É no *Expresso* (45%) e em *O Independente* (24%) que as referências à exclusão social são mais frequentes. *O Crime* (35%), o *CM* (47%) e o *O Dia* (63%) descrevem suicidas que caracterizam como socialmente desviantes. Se atendermos às subcategorias mais típicas de cada jornal, ou seja, aquelas que obtiveram valores superiores a 30% em relação ao total de suicidas noticiados por um determinado jornal, verifica-se que a descrição do suicida como desviante caracteriza *O Crime*, *O Dia* e o *Correio da Manhã*.

RECONSTRUÇÃO DO PROTÓTIPO DE SUICIDA
— TRAÇOS E ATRIBUTOS PSICOLÓGICOS

O sistema de categorias relativo aos traços e atributos dos suicidas foi construído a partir do registo de todas as unidades avaliativas (985) encontradas nos artigos em análise. Este material foi então agrupado em campos semânticos ou categorias. Construíram-se, assim, 41 categorias, assinalando-se a sua presença ou ausência em cada artigo. Para uniformizar a linguagem, todas as categorias são enunciadas por formas substantivadas ou por substantivos.

Dos 321 artigos, 233 (73%) propõem caracterizações psicológicas dos suicidas. As categorias com frequência média igual ou superior a 20% são a *loucura* e o *desvio*, seguindo-se-lhes, entre os 10% e os 20%, a *fraqueza*, o *amor*, o *abandono*, o *desespero*, a *culpa*, a *toxicoddependência*, a *agressividade*, a *desilusão*, a *marginalização*, o *protagonismo*, o *sofrimento* e a *tristeza*. No quadro n.º 9 apresentam-se as categorias mais frequentes em cada jornal (valores iguais ou superiores a 20%). Verifica-se, assim, que os jornais que recorrem a um leque de campos semânticos menos diversificado e mais específico são *O Crime*, o *CM* e *O Dia*, onde predominam as avaliações que caem nos campos semânticos da *toxicoddependência*, do *comportamento desviante* e do *infortúnio*. Por outro lado, é o *DN* que apresenta uma diversidade semântica maior, recorrendo a atributos de tipo muito diverso.

Categorias de traços e atributos mais salientes em cada jornal

[QUADRO N.º 9]

Semanário	<i>O Independente</i>	<i>Expresso</i>	<i>Público</i>	<i>Diário de Notícias</i>	<i>O Crime</i>	<i>Correio da Manhã</i>	<i>O Dia</i>
Abandono	Amor	Abandono	Protagonismo	Abandono	Desvio	Droga	Droga
Beleza	Competência	Amor	Desilusão	Agressividade	Droga	Desvio	Desvio
Tendência suicida	Intervenção	Instabilidade	Fraqueza	Amor	Loucura		
Desilusão	Protagonismo	Loucura	Loucura	Tendência suicida	Infortúnio		
Desvio	Fracasso	Desilusão		Culpa			
Falsidade	Loucura	Fraqueza		Desadaptação			
Loucura	Sufrimento	Desvio		Desilusão			
Sufrimento	Opressão	Loucura		Fraqueza			
Infortúnio	Infortúnio	Desespero		Marginalização			
		Culpa		Solidão			

No sentido de conhecer as associações entre as categorias de traços referidas, procedeu-se a uma análise factorial de correspondências múltiplas (método Homals) das categorias com frequência igual ou superior a 10. A solução obtida apresentou valores próprios muito baixos no segundo e no terceiro eixos. Assim, apenas se analisa o primeiro eixo. No sentido de facilitar a leitura dos dados, apresentam-se apenas os valores que mais contribuíram para a definição deste eixo (quadro n.º 10).

Este eixo associa adjetivos fortemente positivos para caracterizar o suicida (a categoria *beleza/imortalidade* que reúne traços como belo, génio, fascinante) e fortemente negativos para caracterizar a situação de *marginalização* a que aquele é sujeito (humilhado, oprimido, faminto). Por um lado, salienta-se o *excesso* (exuberante, insaciável), mas também o sujeito excessivo, figura de *protagonismo* (herói, incomparável, poderoso), quase dono da *imortalidade* (deus, mito, sacerdotisa). Como se o excesso pudesse ser legitimado pelo sujeito excessivo, que termina, inevitavelmente, em *fracasso* e *desilusão*. Por outro lado, aparece um sujeito desprotegido e desprovido, *marginalizado* (maltratado, humilhado, oprimido), a quem tudo se retira, menos o *sofrimento*, a *tristeza* e a liberdade de morrer.

**Medidas de discriminação e coordenadas das variáveis
no primeiro eixo da AFCM**

[QUADRO N.º 10]

Categorias	Medidas de discriminação	Coordenadas
Amor	0,204	1,02
Beleza/imortalidade	0,252	1,79
Desadaptação	0,199	1,46
Desilusão	0,294	1,33
Excesso	0,313	2,21
Fracasso	0,239	1,69
Marginalização	0,380	1,70
Protagonismo	0,222	1,30
Sufrimento	0,228	1,27
Tristeza	0,209	0,96

São indicadas apenas as variáveis com valores discriminantes mais elevados.

O primeiro eixo da AFC relaciona, assim, atributos muito heterogéneos. Numa tentativa de síntese, dir-se-á que este conjunto de atributos fala do suicida como de um sujeito excessivo, mas também marginalizado. O *sucesso*, a *beleza*, a passagem dos limites e a vizinhança da *imortalidade* conduzem facilmente à *desilusão* e ao *fracasso*. A *desadaptação* e a *marginaliza-*

ção induzem um *sofrimento* e uma *tristeza* fatais. O suicida é descrito, ou melhor, avaliado, como alguém que se excede e paga por esse excesso: quanto maior for o *sucesso*, maior será a *desilusão*. É o registo de um interno dinâmico e interactivo, conjugado com a *desadaptação* e a *marginalização*, que remetem para uma imagem do suicida como vítima das pressões sociais, às quais não consegue fazer face. O retrato psicológico do suicida não é, assim, coerente e estruturado, é ambivalente. O suicida parece não ser dizível num tipo psicológico ou numa causalidade única.

Mas partilharão todos os jornais este tipo de descrição do suicida? Se atendermos aos resultados apresentados no quadro n.º 11, verifica-se que este tipo de discurso está sobretudo presente no *DN*, *Semanário*, *O Independente*, *Público* e *Expresso*. *O Crime*, o *CM* e *O Dia* rejeitam esta visão polissémica do suicida e do suicídio (diferenças entre os dois grupos de jornais significativas a $p < 0,05$, teste de Duncan). Este segundo grupo de jornais não só apresenta uma descrição mais homogénea do protótipo do suicida do que o primeiro grupo, a nível das características sociológicas, como rejeita uma visão polissémica do retrato psicológico do suicida. Mais uma vez, à pluralidade de significados opõe-se, assim, uma homogeneidade de traços e atributos. A hipótese de que estamos perante dois sistemas de comunicação diferenciados, com reflexos na representação do suicida e do suicídio, é, pois, apoiada por estes resultados.

Scores factoriais de cada jornal no 1.º eixo da AFCM —
análise de variância

[QUADRO N.º 11]

	<i>Semanário</i>	<i>O Independente</i>	<i>Expresso</i>	<i>Público</i>	<i>Diário de Notícias</i>	<i>O Crime</i>	<i>Correio da Manhã</i>	<i>O Dia</i>	Análise de variância
Primeiro eixo	0,23	0,22	0,21	- 0,18	0,21	0,69	- 0,32	- 0,66	$F(7,225) = 5,0;$ $p > 0,001$

A OBJECTIVAÇÃO POR EXEMPLARES: AS PERSONAGENS-ROSTO DO SUICIDA

A associação de uma pessoa a um conceito ou fenómeno permite, por um lado, dar forma e realidade empírica a abstrações e, por outro, introduzir na esfera desse conceito ou fenómeno espaços de sentido decorrentes da história, do tempo, da vida, das personagens que lhe são associadas. É neste sentido que Moscovici e Hewstone (1984), ao referirem os processos utiliza-

dos pelo senso comum para apreender as teorias científicas, salientam a *personificação* de que são objecto essas teorias. Mas a personificação, enquanto modalidade de objectivação, é um processo comum a todas as representações sociais e não apenas àquelas que resultam da transformação do pensamento científico em saber comum. No ponto anterior analisámos a personificação do suicídio materializada no seu protótipo; neste ponto analisamos a personificação através das personagens que dão rosto e sentido ao suicídio, perspectiva que é mais consensual no estudo do processo de objectivação das representações sociais.

Como referimos, fazemos corresponder esta outra modalidade que pode assumir a personificação à abordagem da categorização «exemplarista» ou por «instâncias» (v. Corneille e Leyens, 1994). No caso da categorização prototípica, pressupõe-se que a informação é abstraída à medida que se vai recebendo, tratando-se, como se viu, de estruturar a pouco e pouco uma imagem quase pura de um objecto. Nos modelos que concebem a categorização por exemplares pressupõe-se que a informação é apreendida tal como se apresenta e é comparada com outras informações já incluídas numa categoria. Pressupõe-se, por exemplo, que, quando se sabe que a pessoa *x* tentou suicidar-se, esta é comparada mentalmente com outros suicidas (personagem *y*, *z*) registados em memória. Os atributos mais salientes do suicida irão variar, assim, em função dos atributos das personagens memorizadas. Estas personagens cumprem, deste modo, a tarefa de darem rosto a um fenómeno que, de abstracto e estranho, passa a concreto e familiar, adquirindo sentido e vida no espaço de histórias pessoais concretas.

Neste estudo consideraram-se como exemplares todas as personagens publicamente conhecidas que se suicidaram, se tornaram conhecidas pelos seus comportamentos suicidários ou fizeram tentativas de suicídio (é por esta razão que se incluem Elis Regina e Diana Spencer). Identificaram-se deste modo 14 personagens referenciadas em 25 artigos, que foram agrupadas em três categorias (quadro n.º 12).

Categorias de personagens

[QUADRO N.º 12]

Artistas	Escritores	Figuras públicas
Marylin Monroe Romy Schneider Miroslava Elis Regina Soares dos Reis	Camilo Castelo Branco Florbela Espanca Mário de Sá Carneiro Hemingway Jack London Sylvia Plath Césare Pavese	Diana Spencer Maxwell

Realizada uma análise de frequências dos atributos e traços que caracterizam essas personagens, retiveram-se os atributos comuns a mais de cinco personagens. Esses atributos (12) e os três tipos de personagens foram sujeitos a uma AFCM (quadro n.º 13).

Medidas de discriminação por variável e por eixo

[QUADRO N.º 13]

Medidas de discriminação (primeiro eixo)		Medidas de discriminação (segundo eixo)		Medidas de discriminação (terceiro eixo)	
Desesperado	0,211	Apaixonado	0,246	Desiludido	0,395
Famoso	0,249	Pressionado	0,329	Instável	0,282
Fascinante	0,633	Deprimido	0,284	Suicidário	0,620
Lindo	0,596	Artista	0,223		
Pressionado	0,359	Escritor	0,811		
Artista	0,526	Figura pública	0,317		
Figura pública	0,332				

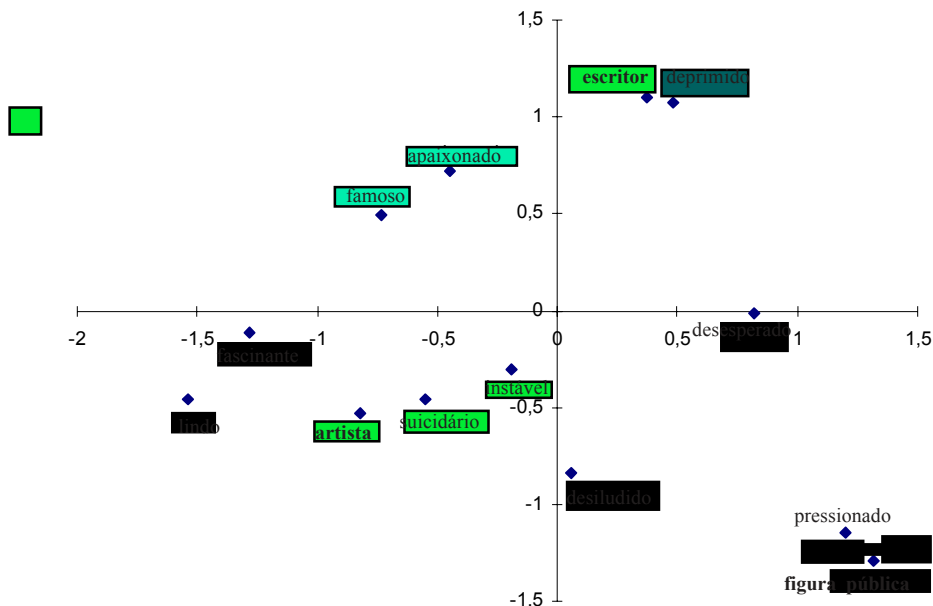
São indicadas apenas as variáveis com valores discriminantes mais elevados.

O primeiro eixo desta AFCM opõe os artistas, qualificados pelos atributos *famoso*, *fascinante* e *lindo*, às figuras públicas, qualificadas pelos atributos *desesperado* e *pressionado*. O segundo eixo opõe agora as figuras públicas (*desiludido* e *pressionado*) aos escritores (*deprimido* e *apaixonado*). Estamos, assim, perante três tipos de suicídio caracterizados por dinâmicas diferentes: a depressão e a paixão, como expressões de uma dinâmica interna perturbada; a pressão externa, que faz do suicida uma vítima; o sucesso, que, como já foi referido em análises anteriores, é uma expressão de alguém que se excede e é vítima desse excesso (figura n.º 1).

Os artigos que recorrem a exemplares surgem em pequeno número (25), vêm acompanhados de fotografias das personagens, são na sua maioria extensos, estão assinados e fazem parte das rubricas ligadas a factos sócio-culturais ou aparecem em suplementos ou revistas inseridas nos jornais. O *Semanário*, O *Público* e o *DN* são os jornais que mais recorrem a exemplares, ao contrário de *O Crime* e de *O Dia*, que não seguem este tipo de objectivação. Os resultados apresentados reflectem, assim, sobretudo as posições daqueles jornais. Do ponto de vista da nossa perspectiva de análise, importa sublinhar que a diversidade de personagens referidas suscita visões diferenciadas e não unívocas do suicídio. Compreende-se, desta forma, que jornais como *O Crime* e *O Dia* não recorram à objectivação por exemplares, na medida em que esta estratégia discursiva facilita a pluralidade de sentidos, que se opõe à visão unívoca sobre o suicídio partilhada por aqueles jornais.

Atributos e traços das categorias de personagens
— primeiro e segundo eixos da AFCM

[FIGURA N.º 1]



ANCORAGEM E SISTEMAS DE COMUNICAÇÃO

Dos oito jornais em análise, cinco (*Semanário, O Independente, Expresso, Público e Diário de Notícias*) utilizam predominantemente uma organização de mensagens que se caracteriza por uma visão multifacetada do suicídio. Estes jornais usam uma grande diversidade de campos metafóricos, com múltiplos sentidos. Por exemplo, o suicídio é descrito como uma forma de distintividade, uma desistência da vida, uma libertação, uma viagem, uma mensagem, uma rebelião, um modo de punir a sociedade. O protótipo de suicida corresponde a uma imagem difusa, pode ser homem ou mulher, pode desenvolver qualquer tipo de actividade, pode ser um quadro, um simples empregado, um jovem estudante, um artista ou um escritor. Podemos mesmo perguntar-nos se este perfil corresponde ao de um protótipo. As descrições psicológicas do suicida são igualmente heterogéneas, integrando um leque vasto e contraditório de campos semânticos. A objectivação por exemplares, muito diversificada, vem completar a visão abrangente de que se falou. Além do mais, cada tipo de exemplar oferece diferentes modelos de identificação.

Esta organização discursiva não só se dirige a vários públicos, como se adapta a várias possíveis leituras de um mesmo fenómeno, numa interacção contextual, geradora de reflexão, permitindo uma margem de liberdade que é, em si mesma, fonte de identificações. Este primeiro grupo de jornais caracteriza-se, de facto, pela presença, não de uma, mas de várias representações pouco estruturadas e abrangentes sobre o suicídio, que vão sendo activadas em função da especificidade de cada caso, sem que se privilegie tendencialmente nenhuma em especial.

De acordo com a taxonomia de Moscovici (1961) sobre os sistemas de comunicação, pode considerar-se que a estratégia discursiva referida corresponde às características do sistema de difusão. Os nossos resultados indicariam, assim, que, quando a RS do suicídio ancora no tipo de relações sociais que caracterizam a difusão, estamos perante uma representação pouco estruturada, com elementos muito diversificados, de modo a permitir fazer sentido para uma grande diversidade de suicídios e de públicos. O suicídio aparece retratado como um fenómeno de múltiplos sentidos que não obedecem claramente a uma orientação única.

Foi ainda identificada uma outra organização das mensagens que se caracteriza por um léxico mais específico, por uma imagem mais uniforme e concreta de suicida. Esta organização das mensagens manifesta-se no segundo grupo de jornais. Sobretudo *O Crime*, mas também o *Correio da Manhã* e, em menor grau, *O Dia*, são jornais que recorrem a uma diversidade grande de metáforas, embora com um sentido unívoco — a dimensão violenta do suicídio. O protótipo de suicida desenha-se, também aqui, de uma forma mais nítida: é homem, apresenta um comportamento desviante, é sobretudo operário ou inactivo. No que se refere aos traços prototípicos de suicida, eles são fundamentalmente dois — droga e desvio. Esta orientação é reforçada pela inserção morfológica das notícias sobre suicídio: este é paginado conjuntamente com os acidentes, escândalos, roubos e crimes. Sublinhe-se ainda que estes jornais quase não usam a evocação de personagens como estratégia discursiva ou argumentativa. De facto, recorrer a diferentes personagens obrigaria a alargar o campo de significados do suicídio.

Encontramo-nos aqui em presença de um novo sistema de comunicação — a propagação. Nesta estratégia de comunicação, o objectivo não é apenas informar, mas antes integrar a informação perturbante num sistema ideológico coerente. As mensagens visam detectar e corrigir ameaças. É neste contexto que o suicídio é apresentado como um desvio, como resultado de uma perturbação, ou, em alternativa, como a manifestação de uma força desconhecida e incontrolável. Não se apela claramente à condenação do suicídio, mas ele é sinal de uma ameaça mais vasta à ordem social e ao equilíbrio pessoal, ideia bem expressa na especificidade das metáforas que este esquema de mensagens utiliza. Neste caso, e contrariamente ao que se

verifica na difusão, regista-se uma representação do suicídio mais coerente. Assim, o suicídio é uma tragédia, uma loucura, uma escuridão, um atentado e uma violência, e o suicida é um louco, um desviante e um infortunado. O suicídio é um mistério, uma escuridão ou uma tragédia, mas também é um acto de agressão.

A taxonomia de Moscovici sobre os sistemas de comunicação e a sua articulação com os processos de ancoragem das representações sociais, como propõe Doise (1990), revela-se, assim, útil.

CONCLUSÃO

Este trabalho propôs-se descrever alguns aspectos das representações sociais do suicídio na imprensa, ilustrar, por via indutiva, como diferentes sistemas de comunicação estão associados a diferentes representações e contribuir para a articulação entre os processos de objectivação e de ancoragem. Estes objectivos cruzam três questões: o significado individual e social do suicídio, os meios de comunicação social como produtores de sentidos colectivos e o fenómeno das representações sociais.

Uma das análises mais ricas produzidas entre nós sobre o suicídio foi-nos oferecida por Martins (1985-1990). Segundo esta autora, «é a transformação do gesto suicida em mecanismo individual e privado que conduz à sua estigmatização» (p. 74). Esta estigmatização, ainda segundo esta autora, pode ser compreendida no quadro da sociogénese da culpabilidade e da privatização das atitudes face à morte que se fixa a partir do século XIX. É como gesto condenável, símbolo de uma sociedade e de um indivíduo perturbado e perturbante, que a pesquisa se interessou, a partir dos anos 70, pela possível relação entre os relatos de suicídios na imprensa e alterações anormais na ocorrência de suicídios. Phillips (1974) concluiu a favor de um aumento significativo de actos suicidas nos EUA após a publicação de relatos de suicídios nas primeiras páginas dos jornais. Reanalizando os dados recolhidos por aquele autor, Wasserman (1984) mostrou que aquela relação se verificava sobretudo quando os relatos de suicídios diziam respeito a celebridades. Mais tarde, Phillips e Carstensen (1986) replicaram o seu estudo, analisando agora os relatos televisivos de suicídios. Mais uma vez, os resultados mostraram uma relação entre esses relatos e o aumento do comportamento suicidiário em adolescentes nos sete dias imediatos à difusão desse tipo de notícias. Mais uma vez também, um outro estudo (Jonas, 1992) mostraria que a relação encontrada se verificava apenas quando se relatava o suicídio de celebridades. Embora a pesquisa neste domínio seja reduzida e as explicações para as associações encontradas sejam pouco consistentes, parece plausível que mecanismos de imitação estejam presentes e que a imitação seja mediatizada por mecanismos de identificação. Quer dizer, mais do

que o facto relatado, é o significado de que o facto é investido que tem consequências na sua reprodução. É nesse contexto que este trabalho pressupõe que a comunicação social é hoje uma das principais formas de construção de sentido e produção de realidades públicas, objectivas e legitimadas.

No entanto, e como mostram os resultados apresentados, estas realidades não são homogêneas. A comunicação social, pelo menos na sua forma escrita, organiza-se a partir de sistemas vários de comunicação, quer dizer, a partir de sistemas de relação social, no seu interior e com o exterior, diferentes, e tais sistemas de comunicação modelam a produção de sentido, as suas formas de objectivação e a legitimidade que reveste. Esta heterogeneidade da fonte concorre com a heterogeneidade a nível dos receptores. Os significados produzidos pelos *media* constituem apenas um dos ingredientes de que se alimenta o pensamento individual, grupal e colectivo.

Ao mesmo tempo, a representação que os *media* constroem sobre os significados que os seus públicos atribuem a um objecto constitui um dos reguladores do sistema de criação da realidade pública que oferecem. É neste entrecruzamento que a análise das representações veiculadas pelos *media* pode ser integrada na análise das representações sociais, quer mais homogêneas e consensuais, quer mais heterogêneas e conflituais. É neste mesmo contexto que, de certa forma, serão redutores os estudos sobre a relação entre os *media* e o suicídio por imitação, na medida em que não têm integrado o estudo dessa relação no contexto da construção de significados sobre o suicídio e as identificações que suscitam. Estudar as representações dos *media* sobre o suicídio é já contribuir para esclarecer os contornos dessa relação.

Como se referiu, o estudo das representações sociais é, antes de mais, o estudo dos seus conteúdos, mas estes conteúdos não podem ser desligados dos processos que estão na base da sua construção. A teoria das representações sociais proposta por Moscovici aponta dois processos básicos na análise das representações sociais — objectivação e ancoragem. Foi a articulação destes dois processos que este trabalho procurou explorar.

As três vertentes que se escolheram para o estudo da objectivação (metáforas, protótipos, e personagens ou exemplares) correspondem a vias de investigação ainda insuficientemente estudadas.

No caso da análise das metáforas, apenas foram consideradas as metáforas estruturais e ontológicas, redução que restringe a riqueza da linguagem metafórica e o seu poder de criação de realidades significantes e objectivas (v. Lakoff e Johnson, 1980; Lakoff, 1987; Goatly, 1997). Por outro lado, a analogia entre a categorização por instâncias ou exemplares e o processo de objectivação por personalizações revela-se útil, mas carece de maior elaboração teórica. Também a proposta de abordagem da categorização prototípica como forma de objectivação, sendo discutível, parece heurística, nomeadamente quando tem subjacente a hipótese de um essencialismo psicológico

presente em todas as formas de categorização social e quando se considera a possibilidade da representação pictórica dos objectos (Brewer, 1988).

Os processos de comunicação estão na génese das representações sociais. Estas são desenhadas na comunicação interpessoal, intergrupar e na comunicação social; são criadas para comunicar e no acto de comunicar. Esta perspectiva impõe então que se olhe para a comunicação no quadro dos processos de ancoragem das representações sociais. Pelo menos no caso dos *media*, os sistemas que organizam a relação entre a fonte e os receptores impõem conteúdos específicos às mensagens, formatam-nas até ao nível morfológico de forma diferente e suscitam diferentes estratégias de objectivação (Rouquette, 1984). Como vimos, na difusão verifica-se um tratamento pluridimensional e heterogéneo do suicídio, a que se opõe, na propagação, uma pressão para a uniformidade, ainda que sem dicotomizações claras, próprias do sistema de propaganda, no quadro de um sistema de valores que não necessita de enunciação, mas à luz do qual o indizível do suicídio se traduz numa lição sem ambiguidades: a necessidade de preservar uma ordem social inquestionável.

O estudo da ancoragem das RS nos sistemas de comunicação tem sido pouco explorado. Coube a Doise (1990, 1993) ressituar esta questão. Para este autor, o estudo da ancoragem das RS deve sublinhar a forma como estas ancoram nas dinâmicas relacionais (Doise, 1990) e propõe, como instância privilegiada das dinâmicas relacionais, os sistemas de relações comunicativas (Doise, 1993), tal como tipificados por Moscovici (difusão, propaganda e propagação). Neste sentido, o estudo da ancoragem das representações sociais nos sistemas de comunicação pode ser considerado um caso particular do nível de análise psico-sociológico do processo de ancoragem, aquele que reenvia para a forma como «os indivíduos se autoposicionam simbolicamente num sistema de relações sociais» (Doise, 1991, p. 189). Este estudo pretendeu ilustrar a fecundidade desta perspectiva. Serão estes mesmos sistemas de comunicação, tal como tipificados para a comunicação social, pertinentes para a análise das relações de comunicação interpessoal e intergrupar e, conseqüentemente, úteis para a análise da génese e dinâmica das representações sociais nesses contextos comunicativos?

BIBLIOGRAFIA

- ABRIC, J.-P. (1994), «Les représentations sociales: aspects théoriques», in J. P. Abric (ed.), *Pratiques sociales et représentations*, Paris, PUF.
- BERGER, P., e LUCKMANN, T. (1966-1983), *A Construção Social da Realidade*, Petrópolis, Vozes.
- BLANCHOT, M. (1955), *L'Espace littéraire*, Paris, Gallimard.
- BOLLEN, K., e PHILLIPS, D. (1982), «Imitative suicides: a national study of the effect of television news stories», in *American Sociological Review*, 47, 802-809.
- BRAUDY, P. (1991), *Le Corp extrême — approche sociologique des conduites à risque*, Paris, L'Harmattan.

- BRETON, D. (1991), *Passions du risque*, Paris, Éditions Métailié.
- BREWER, M. (1988), «A dual process model of impression formation», in T. Srull e R. Wyer, *Advances in Social Cognition*, vol. 1, Hillsdale, Lawrence Erlbaum Pub.
- CANTOR, N., e MISCHEL, W. (1979), «Prototypes in person perception», in L. Berkowitz (ed.), *Advances in Experimental Social Psychology*, vol. 12, Nova Iorque, Academic Press.
- CORNEILLE, O., e LEYENS, J.-Ph. (1994), «Catégories, catégorisation sociale et essentialisme psychologique», in R. Bourhis e J.-P. Leyens (eds.), *Stéréotypes, discrimination et relations intergroupes*, Liège, Mardaga.
- DAMÁSIO, A. (1995), *O Erro de Descartes*, Mem Martins, Publicações Europa-América.
- DOISE, W. (1990), «Les représentations sociales», in R. Ghiglione, C. Bonnet e J.-P. Richard (eds.), *Traité de psychologie cognitive*, Paris, Dunod.
- DOISE, W. (1991), «L’Ancrage dans les études sur les représentations sociales», in *Bulletin de psychologie*, 45, 189-195.
- DOISE, W. (1993), «Debating social representations», in G. Breakwell e D. Canter (eds.), *Empirical Approaches to Social Representations*, Oxford, Oxford Science Pub.
- DOUGLAS (1986), *How Institutions Think*, Syracuse, Syracuse Univ. Press.
- DURKHEIM, E. (1897-1992), *O Suicídio*, Lisboa, Editorial Presença.
- DURKHEIM, E. (1898), «Représentations individuelles et représentations collectives», in *Revue de métaphysique et morale*, 6, 273-302.
- FIRTH, R. (1961), «Suicide and risk-taking in tikopia society», in *Psychiatry*, 24.
- FISKE, S., e TAYLOR, E. (1984), *Social Cognition*, Reading, Addison-Wesley.
- FREUD, S. (1915-1968), «Deuil et mélancolie», in *Métapsychologie*, Paris, Gallimard.
- FLAMENT, C. (1982), «Du biais d’équilibre du groupe à la représentation du groupe», in J.-P. Codol e J.-Ph. Leyens (eds.), *Cognitive Analysis of Social Behavior*, Haia, Martinus Nijhoff Pub.
- GOATLY, A. A. (1997), *The Language of Metaphors*, Londres, Routledge.
- HALBWACHS, M. (1930-1978), *The Causes of Suicide*, Londres, Routledge & Paul.
- JODELET, D. (1984), «Représentation sociale: phénomène, concept et théorie», in S. Moscovici (ed.), *Psychologie sociale*, Paris, PUF.
- JODELET, D. (1989), «Représentations sociales: un domaine en expansion», in D. Jodelet (ed.), *Les Représentations sociales*, Paris, PUF.
- JONAS, K. (1992), «Modeling and suicide: a test of the Werther effect», in *British Journal of Social Psychology*, 31, 295-306.
- LAKOFF, G., e JOHNSON, M. (1980), *Metaphors We Live by*, Chicago, The Univ. of Chicago Press.
- LAKOFF, G. (1987), *Women, Fire and Dangerous Things*, Chicago, Univ. of Chicago Press.
- LORAUX, N. (1985-1988), *Maneiras Trágicas de Matar Uma Mulher. Imaginário da Grécia Antiga*, Rio de Janeiro, Zahar.
- MAERTEANS, J.-T. (1979), *Le Jeu du mort. Éssai d’anthropologie des inscriptions du cadavre*, Paris, Éditions Aubier Montaigne.
- MARTINS, M. F. (1990), *A Tentativa de Suicídio Adolescente — da Clínica às Ciências Sociais e Humanas*, Porto, Edições Afrontamento.
- MENNINGER, K. (1938), *Man against Himself*, Nova Iorque, Harcourt Brace.
- MOSCOVICI, S. (1961-1976), *La Psychanalyse, son image et son public*, Paris, PUF.
- MOSCOVICI, S. (1984), «The phenomenon of social representations», in R. Farr. e S. Moscovici (eds.), *Social Representations*, Londres, Academic Press.
- MOSCOVICI, S., e HEWSTONE, M. (1984), «De la science au sens commun», in S. Moscovici (ed.), *Psychologie sociale*, Paris, PUF.
- MOSCOVICI, S. (1988), «Notes towards a description of social representations», in *European Journal of Social Psychology*, 18, 211-250.
- PESCOSOLIDO, A. B. (1990), «The social context of religious integration and suicide: pursuing the network explanation», in *The Sociological Quarterly*, vol. 31, n.º 3, 337-357.

- PHILLIPS, D. P. (1974), «The influence of suggestion on suicide: substantive and theoretical implications of the Werther effect», in *American Sociological Review*, 39, 340-354.
- PHILLIPS, D., e CARSTENSEN, L. (1986), «Clustering of teenage suicides after television news stories about suicide», in *The New England Journal of Medicine*. vol. 315, n.º 11, 685-689.
- PRATS, L. (1987), «Aspectos culturais do suicídio», in *Psicologia*, 5, 2, 181-187.
- ROJAS, E. (1978), *Estudios sobre el Suicidio*, Barcelona, ed. Salvat.
- ROSCH, E. (1978), «Human categorization», in N. Warren (ed.), *Studies in Cross-Cultural Psychology*, vol. 1, Londres, Academic Press.
- ROTHBART, M., e TAYLOR, M. (1992), «Category labels and social reality: do we view social categories as natural kinds?», in G. Semin e K. Fiedler (eds.), *Language, Interaction and Social Cognition*, London, Sage.
- ROUQUETTE, M.-L. (1984), «Les communications de masse», in S. Moscovici (ed.), *Psychologie sociale*, Paris, PUF.
- SAMPAIO, D. (1991), *Ninguém Morre Sozinho*, Lisboa, Caminho.
- SCHNEIDMAN, E. S. (1991), «A psychological approach to suicide», in G. R. Wandenbos e B. K. Bryner (eds.), *Cataclysms, Crises and Catastrophes: Psychology in Action*, Washington, American Psychological Association.
- SPERBER, D. (1990), «The epidemiology of beliefs», in C. Fraser e G. Gaskell (eds.), *The Social Psychological Study of Widespread Beliefs*, Oxford, Clarendon Press.
- STENGEL, E. (1964-1980), *Suicídio e Tentativa de Suicídio*, Lisboa, Dom Quixote.
- TRAVIS, R. (1989), «Halbwachs and Durkheim: a teste of two theories of suicide», in *American Sociological Review*, 224-243.
- VALA, J. (1993), «As representações sociais no quadro dos paradigmas e metáforas da psicologia social», in *Análise Social*, 28, 887-919.
- VALA, J. (1997), «Representações sociais e percepções intergrupais», in *Análise Social*, 32, 7-30.
- WAGNER, W.; ELEJABARRIETA, F., e LANDSTEINER, I. (1995), «How the sperm dominates the ovum — objectification by methaphor in the social representations of conception», in *European Journal of Social Psychology*, 25, 671-688.
- WASSERMAN, I. M. (1984), «Imitation and suicide: a reexamination of the Werther effect», in *American Sociological Review*, 49, 427-436.